

Confissões do jovem Saramago ao Mestre Miguéis

Ana Aguilar Franco

N o rescaldo da morte do Prémio Nobel da Literatura, pensar em vultos das letras portuguesas como José Saramago e José Rodrigues Miguéis à luz da perspectiva proposta no título, afigura-se um exercício intelectual interessante, que nos lembra a vulnerabilidade da vida e a inconstância do reconhecimento público. Quando há tempos, olhando para o mar inspirador, indomável, que se avista do Cabo da Roca, naquele extremo de terra, ali bem perto da “Cúpula da Pena” de Miguéis, não pude evitar olhar em busca da outra “banda do Atlântico”, de que Miguéis e Saramago falavam, ou seja, da costa Americana que foi o lar de Miguéis desde os anos 30 até à sua morte, em 1980. Viajo a 1959, a um sóbrio apartamento no curaçao de Manhattan de onde o escritor, então com 57 anos, idade com que receberia o prémio Camilo Castelo Branco, se correspondeu, durante 12 anos, com o jovem redactor literário da Editorial Estúdios Cor, que com 26 anos ensaiava os primeiros passos na aventura da escrita.

Num tempo em que o tempo corria a outra velocidade, sem telemóveis, nem internet, esta correspondência, publicada em 2010 (*José Rodrigues Miguéis/ José Saramago: Correspondência 1959-1971*, com organização de José A. Pereira)

ilustra o *modus operandi* da aventura de publicar em português, por parte de quem havia decidido viver da escrita, residindo em Nova Iorque, mas publicando em Lisboa, sujeito às condicionantes de um oceano e da “Real Mesa Censórica”. Ao longo dos anos, uma forma de amizade se foi desenhando, embora circunscrita ao período da presença de Saramago naquela editora, uma amizade epistolar, como António Mega Ferreira lhe chamou. Dela, ficou o testemunho das situações prosaicas, vividas com ansiedade, e agravadas por uma preocupação quase hipocondríaca, como sejam o envio de pagamentos, os pormenores (e “pormaiores”) relativos à impressão e à edição das obras, assim como da troca de ideias sobre aspectos da vida, da literatura e dos críticos em Portugal. Merecem destaque os desabafos de Saramago a propósito da sua vida sentimental, ou ainda, os pedidos de opinião e de conselho que, por vezes, em tom de veneração e humildade, Saramago dirigia a Miguéis sobre a escrita dele. Nestes se insere a publicação de poemas de Saramago, a que faz referência na sua carta datada de 22 de Julho de 1964. Após informar Miguéis do volume de vendas das suas obras, Saramago refere em “P.S. (pessoal)” a iminente publicação do livro *Os Poemas Possíveis*, submete, ao comentário crítico de Miguéis, três poemas que diz serem “três pequenas amostras do meu cintilante astro...”; “Dulcineia”, “D. Quixote” e “Sancho”. Na resposta enviada a 31 de Julho de 1964, Miguéis inclui um comentário bastante positivo, concluindo a parte dedicada a este assunto saudando-o: “Abraço-o e desejo-lhe—profetizo-lhe—um êxito merecido.” O livro viria a ser publicado em 1966.

A este propósito, e na sequência da pesquisa para o meu doutoramento sobre Miguéis, faz sentido mencionar um apontamento que encontrei no espólio do escritor, mencionando Saramago, D. Quixote e Sancho Pança. Trata-se de um pedaço de papel retirado do canto superior esquerdo de uma folha A4. Nele pode ler-se:

“VIDA DO ENGENHOSO (riscado e escrito por cima INGÉNUO) &
ALEGRE CAVALEIRO
DOM CHICOTE
E DO SEU INFIEL ESCUDEIRO
PANCHO SANSA”

Por baixo, duas espadas desenhadas cruzadas com um elmo repousando na extremidade de cada uma, seguido, por baixo de novo, da seguinte informação rodeada por um círculo: Saramago, 34 anos/16 Novº 66. E mais abaixo, dentro doutro círculo: 17-18Novº.

Sem mais explicações, nem assinatura a atestar a autoria do desenho, percebo tratar-se da caligrafia de Miguéis. O escritor tinha o hábito de desenhar e escrever comentários em papéis soltos assim como à margem de cartas, notícias, textos literários, nem sempre amistosos, como o próprio reconhecia. Sem qualquer enquadramento, a caricatura oferece-se ao leitor em busca de sentidos: quem será o sonhador engenhoso (corrigido para ingénuo) transformado em chicote ditador? E o escudeiro afinal infiel, cujo próprio nome evidencia a inversão do seu desígnio de fidelidade? A nota indica a idade de Saramago, 34 anos, e associa-o à temática dos poemas que havia enviado a Miguéis, cujo volume seria publicado precisamente em 1966. Aparentemente, o rascunho poderia funcionar como uma capa possível idealizada por Miguéis para os poemas de Saramago, ilustrando indirectamente, e com humor, o relacionamento epistolar entre ambos. Lendo a correspondência, percebe-se que as relações profissionais, gradualmente cordiais e amistosas, nunca atingiram o grau da intimidade mútua apesar de Saramago se ter sentido à vontade para expor aspectos da sua vida pessoal ao decano Miguéis. O jogo de paradoxos constante do apontamento, quiçá motivado pelas aventuras e desventuras do relacionamento atribulado com a Editorial Cor, na pessoa de Saramago, parece pois colocá-los numa dimensão quixotesca em que o ingénuo Dom Chicote e o infiel Pancho Sansa por vezes se confundem.

